



Liberdade religiosa

Não consigo imaginar uma maior liberdade fundamental do que a liberdade religiosa, e isto porque lida precisamente com a mais íntima e significativa parte do ser humano: a sua alma. Qualquer tentativa de imposição totalitária acaba por violar a liberdade religiosa, pois é o último santuário da liberdade; e não é uma mera opinião filosófica, mas uma acção tristemente confirmada pela História. Podemos portanto sustentar que a liberdade religiosa é a prova de respeito para com outras liberdades e direitos, e contrariamente, mesmo que formalmente exista respeito pelos Direitos Humanos, se não existe liberdade religiosa, esse respeito é falso.

Tomemos como exemplo a China, com uma Constituição bastante respeitável, onde podemos ler, no seu artigo 35º, que Cidadãos da República Popular da China gozam de liberdade de expressão, de imprensa, de assembleia, de associação, de procissão e demonstração. No artigo 36º lemos que os Cidadãos da República Popular da China gozam de liberdade de crença religiosa e no seu artigo 37º que a liberdade da pessoa dos cidadãos da República Popular da China é inviolável. Esqueçam esta retórica, e concentrem-se na liberdade religiosa (perguntem aos Cristãos, à Igreja Católica clandestina, aos seguidores do Falun Gong) e terão a imagem correcta.

O que estamos a testemunhar no Ocidente, não é um respeito crescente pelas outras religiões, como pode parecer à primeira vista para algumas pessoas, mas um confronto de

duas religiões: citando o Papa Bento XVI, nós vemos a luta da religião do Deus que se tornou homem, e a religião do homem tentando tornar-se Deus. Essa é a razão porque o secularismo engana, quando fala sobre tolerância e neutralidade.

E isto porque quando ouvimos que a liberdade religiosa significa uma objectiva separação entre religião e Estado, esta visão está fora de tom com a compreensão devida do papel que a religião e moralidade têm na vida cívica e pública de um povo governado por si mesmo. A liberdade religiosa é a forma de preservar a religião e a moral como suporte indispensável para os bons costumes, os mais firmes apoios dos deveres dos cidadãos, e o grande pilar da felicidade humana.

Sem dúvida, como Matthew Spalding sublinhou, a separação oficial da Igreja e do Estado, permite e encoraja (tão verdade como a liberdade religiosa depende disso) uma certa

combinação de religião e política. Consequentemente, no dia a seguir à aprovação da Declaração dos Direitos Americanos, o Congresso norte-americano pediu ao Presidente para “recomendar ao povo dos Estados Unidos um dia público de acção de graças e oração, para ser observado como reconhecimento, com corações gratos, os muitos sinais de favorecimento de Deus Todo-Poderoso.”

Permitam-me continuar a citar Spalding, no que julgo ser uma brilhante e simples explicação da religião entendida correctamente: “O apoio dos Fundadores para combinar religião e política, baseou-se no seguinte silogismo: a moralidade é necessária para o governo da república; a religião é necessária para a moralidade, consequentemente, a religião é necessária para o governo da república”. George Washington escreveu no seu discurso de despedida: “de todas as disposições e hábitos que conduzem à prosperidade política, a religião e a moralidade são apoios indispensáveis. Em vão poderia este homem clamar a si o tributo do Patriotismo, se trabalhasse para subverter estes fantásticos pilares de felicidade humana – as mais firmes fundações dos deveres do Homem e dos cidadãos.”

Religião e moral são o apoio dos deveres, os apoios indispensáveis das atitudes e hábitos que levam à prosperidade política, e os grandes pilares da felicidade humana. Elas ajudam à boa governação ao ensinar ao homem as suas obrigações morais e criando as condições para uma política decente. E apesar de poderem existir alguns indivíduos cuja moralidade não dependa da religião, Washington salienta que esse não é o caso para a nação como um todo: “E permitam-nos, com cuidado, ceder à suposição, que a moralidade pode ser mantida sem religião.” Quando contemplamos confinar a religião ao foro privado, não estamos perante uma tentativa inócua, mas sim perante uma tentativa ideológica para a criação de uma praça pública despida, onde podemos construir a religião do Homem que tenta tornar-se Deus. Vindo de um país, Espanha, onde lutamos contra uma disciplina obrigatória, direccionada para conformar as consciências dos estudantes, e onde assistimos a um aumento nos batismos seculares, sabemos que a religião secular não é apenas uma velha lembrança da Revolução Francesa. É sob esta luz que podemos compreender a crescente corrente de Cristofobia por todo o Ocidente.

Permitam-me citar o Padre James Schall num artigo chamado “Em Guerras...e Guerras de Ideias”. Creio que o que diz sobre guerras é aplicável às religiões: “Vivemos numa tradição que procurou eliminar as guerras, não resolvendo as divergências intelectuais, o que é considerado muitas vezes impossível, mas evitando que as ideias tenham efeito político. Costumamos pensar que as ideias não são realmente tão importantes. Suspeitamos que nenhuma é realmente verdadeira. Muitos acreditam que a mera invocação de veracidade nas ideias é a causa de todas as guerras. Chamamos a esta política “tolerância”, onde deliberadamente mantemos ideias, sem as testar, na privacidade das nossas mentes, onde as mesmas se agitam e se perdem. As ideias, por si só, têm um potencial dinâmico. Elas nunca se contentam em permanecer dentro de nós. O nosso interior procura a luz do dia [...] A ideia de que não existe qualquer verdade, é em si, uma origem de guerra”. Agora podemos constatar, que quando ouvimos falar sobre tolerância religiosa, na maioria dos casos, significa desdém perante a religião, um ponto de vista relativista, pronto a combater

qualquer tentativa de colocar a religião no seu lugar próprio, a praça pública. Como A. J. Conyers estudou, o que estamos a testemunhar é a metamorfose moderna da tolerância, de uma prática prudente a uma ideologia relativista que vê a religião com desdém.

Mas estamos perante outro desafio no que diz respeito à liberdade religiosa. Se estivemos a falar da religião do Deus que se tornou Homem, e da religião do Homem tentando tornar-se Deus, temos agora de lidar com a religião do Deus que ainda não se tornou Homem, o Islão. O Islamismo é uma civilização fundada na união do Estado e da Igreja, com uma desconfiança particularmente intensa da liberdade religiosa e da liberdade de consciência. Vejamos apenas os numerosos relatórios sobre liberdade religiosa no mundo, para realizar que normalmente não é respeitada nos países Muçulmanos. Mas a novidade é que não estamos apenas a falar de longínquos países a leste, mas sobre os nossos próprios países, sobre algumas vizinhanças que circundam as maiores cidades Europeias. A tentação é grande, quando confrontados com os problemas de segurança relacionados com esta população, para levar a cabo uma abordagem multiculturalista, como defendeu o arcebispo de Canterbury, e aceitar a *sharia* para alguns grupos de pessoas. Por outras palavras, aceitar territórios e pessoas sujeitas a outra lei, que não respeita a liberdade religiosa. Estou convencido que esta é a forma errada de lidar com a presença muçulmana no Ocidente. Contrariamente, temos agora a oportunidade, talvez pela primeira vez na História, de dar a milhares de muçulmanos a oportunidade de viverem a verdadeira liberdade religiosa.

O caso do jornalista muçulmano Magdi Allam, baptizado por Bento XVI na Missa de Vigília de Páscoa de Sábado na Basílica de São Pedro, é um testemunho merece reflexão. Gostaria de citar uns longos excertos da sua carta, explicando a sua decisão de se tornar Cristão:

“O milagre da ressurreição de Cristo repercutiu-se em toda a minha alma, libertando-a da escuridão em que a pregação do ódio e da intolerância, perante o “diferente”, incriticavelmente condenado como “inimigo”, eram privilegiados acima do amor e do respeito pelo nosso vizinho, que é sempre e em todos os casos, uma pessoa. Consequentemente, à medida que a minha mente era libertada do obscurantismo de uma ideologia que legitima as mentiras e o engano, mortes violentas, que levam ao assassinio e suicídio, a submissão cega à tirania, eu fui capaz de aderir à autêntica religião da verdade, da vida e da liberdade.”

“A minha conversão ao Cristianismo é o culminar de uma gradual e profunda meditação interior, da qual eu não me consegui afastar, dado que durante cinco anos eu fui confinado a uma vida sob guarda, com vigilância permanente em casa e uma escolta policial para todos os meus movimentos, devido a ameaças e sen-

O Islamismo é uma civilização fundada na união do Estado e da Igreja, com uma desconfiança particularmente intensa da liberdade religiosa e da liberdade de consciência.

tenças de morte por parte de extremistas islâmicos e terroristas, de dentro e fora de Itália.”

“Tive que perguntar-me a mim próprio sobre a atitude daqueles que publicamente declararam fatwas, veredictos jurídicos islâmicos, contra mim – eu que era um muçulmano – como um “inimigo do Islão”, “hipócrito, porque é um cristão Copta que finge ser muçulmano para prejudicar o Islão”, “mentiroso e caluniador do Islão,” legitimando a minha sentença de morte desta maneira. Perguntei a mim mesmo, como foi possível que aqueles que, como eu, sinceramente e corajosamente clamavam por um “Islão moderado,” assumindo a responsabilidade de se exporem em pessoa, denunciando o extremismo e o terrorismo Islâmico, acabamos sentenciados à morte em nome do Islão com base no Corão. Fui forçado a ver que para além da contingência do fenómeno extremista e terrorista do Islão que apareceu a nível global, a raiz do mal é inerente a um Islão que é filosoficamente violento e historicamente conflitivo.”

Sua Santidade enviou uma mensagem explícita e revolucionária para uma Igreja que até agora tem sido demasiado prudente na conversão de muçulmanos, abstendo-se de levar a cabo conversões em países de maioria muçulmana e mantendo-se calada sobre a realidade de conversões em países Cristãos. Por medo. O medo de não conseguir proteger os convertidos devido à sua condenação à morte por deserção e medo das represálias contra Cristãos residentes em países Islâmicos. Bem, Bento XVI, com o seu testemunho, diz-nos hoje que temos que superar o medo e não recluir a verdade de Jesus, mesmo com muçulmanos.

Pela minha parte, eu digo que é tempo de pôr um fim ao abuso e à violência de muçulmanos que não respeitam a liberdade de escolha religiosa. Em Itália existem milhares de convertidos ao Islão, que vivem a sua nova fé em paz. Mas também existem milhares de muçulmanos convertidos ao cristianismo, que são forçados a esconder a sua fé devido ao medo de serem assassinados por extremistas do Islão que se escondem entre nós. Por um desses “acontecimentos fortuitos” que evocam a discreta mão do Senhor, o primeiro artigo que escrevi para o *Corriere* no dia 3 de Setembro de 2003, intitulava-se “As novas catacumbas das conversões Islâmicas.”

É tempo de pôr um fim ao abuso e à violência de muçulmanos que não respeitam a liberdade de escolha religiosa.



Foi uma investigação de muçulmanos recentemente convertidos ao cristianismo em Itália, que condenam a sua solidão profundamente espiritual e humana, em face das esquívas instituições do Estado que não as protegem e o silêncio da própria Igreja. Bem, eu espero que o gesto histórico do Papa e o meu testemunho levem à convicção que o momento chegou para deixar a escuridão das catacumbas e publicamente declararem o seu desejo de serem realmente eles próprios. Se em Itália, em nossa casa, o berço do catolicismo, não estamos preparados para garantir a liberdade religiosa para todos, como podemos ser sequer credíveis quando denunciemos a violação desta liberdade em qualquer outra parte do mundo?”

Como conservador, não acredito em revoluções utópicas. Consequentemente, olhando para o futuro da liberdade religiosa, não espero uma súbita conversão de todos os inimigos da liberdade religiosa. Mas o realismo não se importa de nos resignar à situação actual. Reconstruindo o nosso Estado pós-Providência, a sociedade ocidental exige o regresso da religião e das instituições baseadas na fé, ao seu papel central na vida cívica e pública da nação, e não nos podemos esquecer da oportunidade histórica de mostrar a força da liberdade religiosa perante o Islão. Não vai ser fácil, mas a possibilidade de um mundo melhor é construído sobre esta crucial e merecida batalha. ●

A peça que faltava...

...para a sua solução informática.



TintaDigital
Soluções em Tecnologias de Informação

A **TintaDigital** – Soluções em Tecnologias de Informação é uma empresa especialista no desenvolvimento de soluções e serviços em TI, nomeadamente nas áreas de Infraestrutura Tecnológica, Sites & Portais, Suporte ITIL e Serviços de Formação e Consultoria Tecnológica para PMEs e Grandes Empresas.

Oferecemos soluções tecnológicas criativas e inovadoras, flexíveis e de valor acrescentado, apostando num profissionalismo e desempenho de excelência. Preocupamo-nos com a relação custo-benefício procurando a melhor tecnologia para os desafios colocados. A tecnologia mais eficiente, ao melhor custo.

Se precisa de uma solução, coloque-nos o seu desafio. Consulte-nos!

www.TintaDigital.com

Tel.: 217 101 165 | e-mail: info@tintadigital.com